

ALMA NVA

NÚMERO

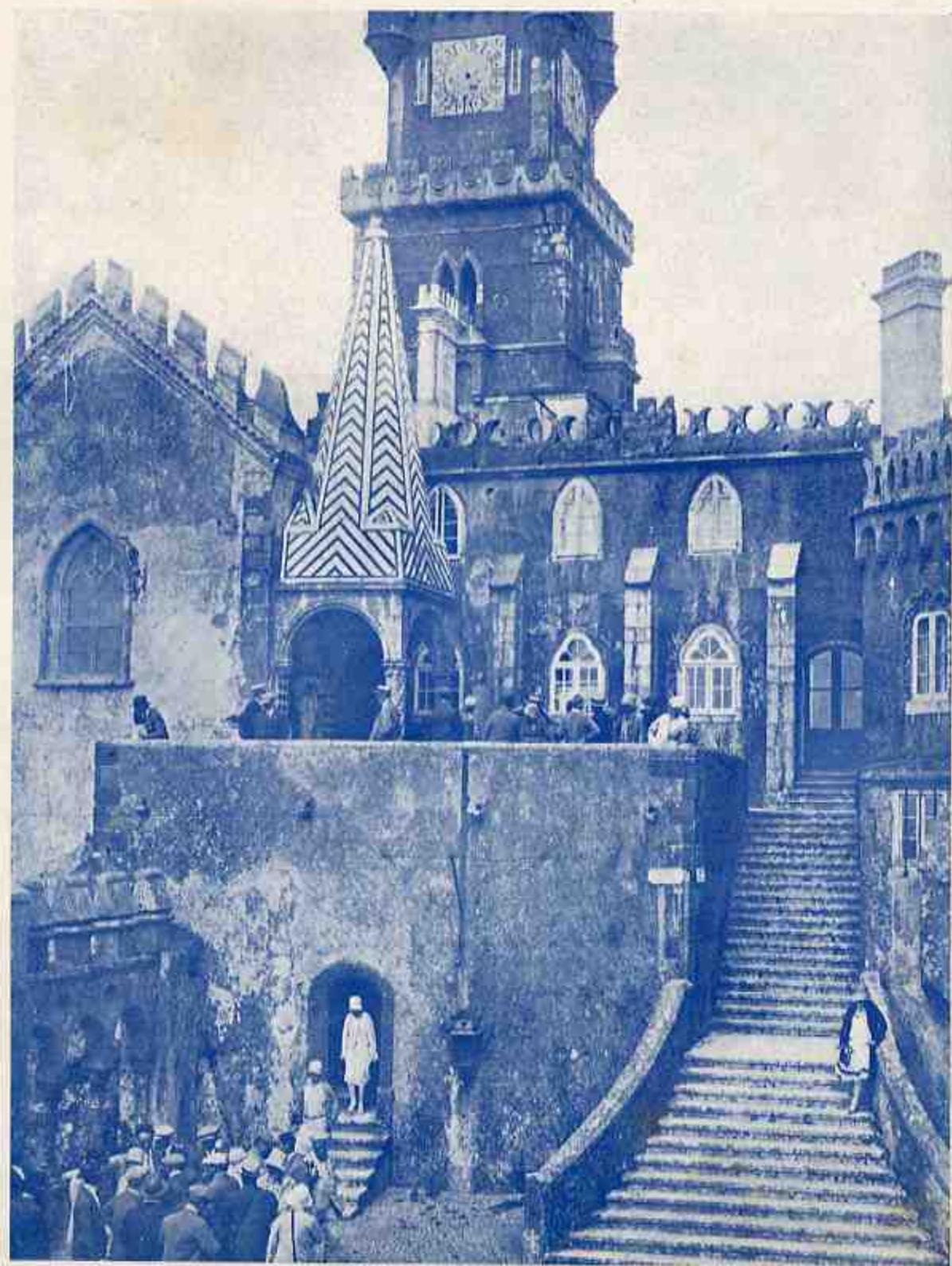
3

V SÉRIE

P R E Ç O

E S C ,

2 \$ 5 0



Os excursionistas ingleses do "Cap Lay", que recentemente passaram por Lisboa,
na sua visita ao Palácio da Pena, em Sintra

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

País e Col.

Port.

ANO (12 N.ºs).....

25\$00

30\$00

SEM. (6 N.ºs).....

13\$00

16\$00

NUMERO AVULSO 2\$50

ALMA NOVA

Fundador - Corrente: Mário Moreno

Administrador: Manoel A. Coimbra Junior

Diretor: Dr. Emílio Salgueiro, Dr. Luis d'Oliveira

Guimarães e Matos Moreno

Redactores - Secretários:

Dr. F. d'Ascensão Mendonça, Dr. Gomes
dos Santos e Rebelo de Bellencourt.REDACÇÃO - ADMINISTRAÇÃO
E TIPOGRAFIA

Travessa da Andrade Valente, 7 - 1.º E.

LISBOA

Propriedade e Edição
de Cooperativa Editora e Tipográfica
"RESSURREIÇÃO"

S u m á r i o

Capa: A visita dos excursionistas do "Cap Lay" ao Palácio da Pena, em Sintra.	FOTOGRAFIA
Contas... correntes: (Notas e Ecoss, — com 1 des. de Tagarro).	A REDAÇÃO
Contos e Novelas: Tão longe!... (com 1 des. de Roberto Nobre).	NOCUEIRA DE BRITO
Actualidades: Notas gráficas do mês.	FOTOGRAFIAS
Actualidade regional: Praias do Algarve.	JOSE DIAS SANCHO
Páginas etnográficas: Simbolismo da barba.	J. LEITE DE VASCONCELOS
Crónica Literária: (Letras Portuguesas e Brasileiras).	REBELO DE BETTENCOURT
O Teatro: As estrelas da temporada que vai começar.	FOTOGRAFIAS
As nossas Colónias: Angola.	F. D'ASCENSÃO MENDONÇA
De todo o País: (O nosso programa).	A REDAÇÃO
Arte: Columbano (des.).	RAFAEL BORDALO PINHEIRO
Costumes, Tops e Paisagens Portuguesas,	FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA
A REDAÇÃO
NOCUEIRA DE BRITO
FOTOGRAFIAS
JOSE DIAS SANCHO
J. LEITE DE VASCONCELOS
REBELO DE BETTENCOURT
FOTOGRAFIAS
F. D'ASCENSÃO MENDONÇA
A REDAÇÃO
RAFAEL BORDALO PINHEIRO
FOTOGRAFIAS

EXPECIENTE

Avisamos os nossos Ex.ºs assinantes que ainda não satisfizeram as suas quotas de assinatura do corrente semestre (n.º 1 a 6), de que nesta data são as mesmas remetidas à cobrança, muito lhes agradecendo a sua liquidação ao serem apresentadas, assim de nos evitarem contratempos e despezas. Pela gentileza lhes fica desde já muito grata.

A ADMINISTRAÇÃO

Amigos da "Alma Nova"

Assim consideraremos todas as pessoas que nos obliterem 10 assinaturas, ou se subscriverem, ainda só vez com uma assinatura cujo seu equivalente, ou hajam prestado à "ALMA NOVA" quaisquer auxílios materiais ou morais que lhes deem jus a esse título.

Todos os "AMIGOS DA ALMA NOVA" ficarão com direito a que o seu nome figure sempre nela página a receber a revista gratuitamente e a entrar livremente em todas as suas feiras, exposições e conferências.

Iniciando a já numerosa lista de boas e lindas amizades, as quais pode dizer-se que se deve a manutenção da "ALMA NOVA", apressamos registrar até hoje os seguintes nomes:

Dr. Jaime da Graça Mira, Professor, e Diplomado em Farmácia.
Sr. Cruz Magalhães, Escritor, Poeta, e benemérito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa.
Dr. José Guerreiro Murta, Prof. Advogado, e Escritor — Lissabon.
Sr. Francisco das Dores Gonçalves, Presidente do Centro do Algarve, Rio de Janeiro.
Dr. F. Carmo e Cunha, Chefe de Rep. do Min. do C. e Advogado.
Dr. D. Branca Lopes Martins, Professora, e Escritora, — Porto.
Sr.º D. Maria Magdalena Martel Patriolo, Escritora, — Lisboa.
— Condessa de Pinares — Velha, Escritora, — Lisboa.
Sr. João Sávado Machado, Artesão, — Pedrouços.
Tenente Simeão Vitoria, Prof. e Escritor, — Lissabon — Angra.
Eng.º A. Veloso de Araújo, Proprietário, e Escritor, — Famalicão.
Dr. Simões Matos, Escritor, — Lisboa.
Cap. Francisco da Silva Pinto, — Lisboa.
Dr. F. Godinho Cabral, Oficial do Exército, e Advogado, — Lisboa.
Sr. J. Agostinho Fernandes, Industrial, — Lisboa.
Ten. da Marinha J. Rodrigues Casanova, — Macau.
Sr. José de Sousa Gago, Professor, — Silves.
— J. José Samória Barros, Prof. e Artista, — Albufeira.
Dr. M. Pereira da Silva, Proprietário, e Jornalista, — Lisboa.

(Continua)

A "Alma Nova" não faz política partidária, — é uma revista puramente nacional. Ajudar a mantê-la é, por isso, um dever de todo o bom português.

D R O G A R I A

E
P E R F U M A R I A

■ ■ ■
C O L O S S A L
S O R T I D O
D E
P E R F U M A R I A S
D O S M E L H O R E S
F A B R I C A N T E S

"V E L O U T I N E S" E P E R F U M E S A P E S O
C O M P L E T O S O R T I D O E M
E S P E C I A L I D A D E S F A R M A C E U T I C A S
N A C I O N A I S E E S T R A N J E I R A S

⑧
A l v a r e z & C.ª Irmão

221 — RUA DA PRATA — 225

L I S B O A

TELEFONE N. 741

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

UM LIVRO DE ARTE



COLUMBANO

Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, um dos muitos e preciosos trabalhos do genial humorista, que Saavedra Machado escolheu para ilustrarem o seu formoso livro -*O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo*-, livro que será editado pela Cooperativa "Ressurgimento", em fascículos de luxo, devendo sair o primeiro por todo o mês próximo.

Contas... correntes



ACLARAÇÃO NECESSÁRIA

Porque nem todos os leitores da «Alma Nova» apreciam as palavras de abertura da presente série dentro da imparcialidade política e da sinceridade patriótica que as ditou, apressamo-nos a esclarecer que esta revista, fiel às suas tradições, só tem um objectivo a cumprir: — ser útil ao País.

Nem inclinações partidárias, nem amizades pessoais, nem mesmo os particulares interesses da sua vida material a desviariam já de tal rumo. Seria, além disso, trair as boas amizades à sombra das quais se tem mantido, vai para catorze anos, proceder de modo diferente.

UMA QUADRA

A confirmar o asserto de que não há escritor em Portugal que não seja ou não tivesse sido poeta, uma vez pelo menos na sua vida literária, está a linda quadra do distinto professor da Escola Militar, sr. coronel Mário de Campos, que a seguir transcrevemos e que acaba de ser mandado colocar junto à lápide comemorativa dos alunos daquela Escola mortos na Grande Guerra:

«**A** todos vós o nosso preito abarca
E glorifica pelo tempo fóra,
Rezando o verso eterno de Petrarca
Un bel morir tutta la vita onora...»

OS NOSSOS COLABORADORES

Recomeçam no n.º 4 a colaborar na «Alma Nova» dois velhos amigos e cooperadores desta revista: Saavedra Machado e Cruz Magalhães; o primeiro com um magnífico



O distinto escritor sr. coronel Mário de Campos



Adolfo Faria de Castro, jovem e talentoso escultor que tem dedicado à «Alma Nova» a sua melhor artilharia e vai brevemente publicar um formoso livro de crônicas sob o título «Barro em pão».

(Des. de TAGARRO)

retrato do Dr. Magalhães Lima, seu último trabalho no gênero, e o segundo com algumas notas biográficas sobre o mesmo eminentemente escritor e homem público. Outros nomes, e dos maiores, nas artes e nas letras contemporâneas, virão também, nos números próximos, honrar as nossas páginas, tendo-nos já prometido a sua colaboração, entre outros, os escritores: Dr. Júlio Dantas, Manuel Ribeiro, A. da Costa Leão, Frazão de Vasconcelos, Lyster Franco, Caetano de Sousa, coronel José Paulo Fernandes, etc.; e os artistas: Martinho da Fonseca, Antônio da Costa, Raul Xavier, Jorge Barradas, Cunha Barros, João José Gomes, Alfredo Cândido, etc.

No Porto, Coimbra, Évora, Faro, e em todas as localidades do país, além de representações e agências, temos também já diversos colaboradores promovendo o estudo das principais necessidades e aspirações locais.

OS NOSSOS CONCURSOS

A «Alma Nova» inicia hoje três originais concursos artístico-literários:

- 1.º — E' escritor ou artista? — Quem é?
- 2.º — Qual o escritor novo que mais aprecia?
- 3.º — Qual o artista novo (Escultor ou Pintor de Arte) que mais admira?

Julgamos estes três concursos de molde a despertarem o maior interesse do público leitor e por isso lhos recomendamos.

Contos e Novelas



Ele.—Fica-te mal o vestido "azur-foncé". A tua palidez resalta mais impressiva ainda desse fundo de pétalas suaves arquitetado pela mão hábil duma "premiére" pouco previdente.

Ela.—Que queres; a modista veste como a Soberania da da Moda lhe impõe. Que importa que a um rôsto amarelecido vá mal um tecido vivaz de turqueza agressiva. Não há rôsto, não há corpo, há sómente a ditadura férrea dos costureiros de Paris, Londres e Berlim.

Ele.—Na tua pele morena, quente, descançam mal essas pérolas alvíssimas que os quiromantes de joias fabricam na ânsia de concorrência às verdadeiras, que custam milhões. São gôtas de gelo na mornidão aromática da tua epiderme trigueira.

Ela.—É o colo da mulher que torna as pérolas preciosas. As verdadeiras sobre uma pele morena reinam mais a custo. Têm um langor doentio, não permitem que o donaire feminino se exalte, fazem-lhe sombra.

Ele.—Anéis com rubis, pulseiras com brilhantes cônus de rosa apertam inexoravelmente os teus dedos fuselados e os teus pulsos marfíneos. E a afronta do artifício à candura deliciosa, ao fervor incomparável do teu corpo liberto de algemas. Livres as tuas mãos, soltos os teus pulsos, há no ar gestos de música idílica, oceanos volúpicos de carinhos ignorados.

Ela.—São halos de estrelas, diademas que aureolam a carne palpitante da mulher, para que os olhos desejosos poisem na contemplação do corpo que em breve se desfolha.

Ele.—E os teus pés martirizados, astriando-se nos modelos rígidos dos cortes de calçado os mais caprichosos? Porque os não deixas abandonados a si próprios, caminhando como corolas de flores, movendo-se como hastes de lírios?

Ela.—Não há esveltez no pé que anda liberto; no presídio que lhe deram floresce o equilíbrio da curva amenada cônca, canta o ritmo do passo no trilar dos saltos esguios sobre a pedraria das calçadas, ao descer.

Tão longe!...

Por

Nogueira de Brito

(Des. de Roberto Nobre)

Ela.—Não te agrado? Em mim, nada há que vibre aos teus

olhos reparadores, e que toque os teus sentidos gastos?

Ele.—Quero-te assim e sem ser assim, porque te quero muito, porque te quero sempre! Há no teu corpo o mistério invisível, latente, devorador da atração que parecendo dominar o furor da posse, mais o ateia à proporção que o teu corpo roça pelo meu. É o hábito duma volúpia minaz que me enovelha no prazer de te magoar, de te cobrir de beijos, de sorver a tua pele e adivinhar a tua alma!

Ela.—E... agrado-te?

Ele.—Como não hás de me agradar, se tu andas já dentro do meu ser, se as nossas carnes não se distinguem já e quando um coração estremecer, o outro estremece também? Tu não andas sózinha, andas sempre comigo, é o unísono da palpitação amorosa que nós realizamos!

Ela.—E afinal estamos... tão distantes!



PÁGINAS ETNOGRÁFICAS

Simbolismo da barba

A BARBA COMO SÍMBOLO DE VIRILIDADE
E DE HONRA. DONDE PROVEM ESTE SÍMBOLO

Um dote físico, que na mulher é desgosto, serve de orgulho ao homem como símbolo de virilidade e de honra, ao que sumariamente me referi nas *Líções de Philologia*, p. 87-88; cfr. também Adrião in *Rev. Lusit.*, XIX, 59-61; e supra (*A barba em Portugal*), cap. I.

Os rapazes, quando estão próximos da puberdade, começam logo a tactear a cara, e a puxar pela penugem, na esperança e no desejo de encontrarem barba que os façam homens. Canta-se vulgarmente a tal respeito uma cantiga:

Estes meninos d'agora
São franguinhos de vintem,
Prometem 10 réis ás almas
A ver se lh'a barba vem...

cantiga, como ponderaria um Alemão, «rica de conteúdo», — porque, pela comparação dos rapazes com frangos, liga-se a uma das funções mais activas da vida da linguagem, qual a da criação metafórica, tão fecunda no vocabulário quotidiano, como na escolha dos apelidos, e pela promessa ás almas pertence ao extenso quadro das crenças populares: a isto agrega-se o pensamento geral satírico que conjuga aqueles dois, traduzido, de mais a mais, por forma simples e elegante. Eis outra versão da mesma cantiga:

Estes mocinhos d'agora
Só dizem que têm, que têm:
Prometem dez réis ás almas
P'ra ver se l'a barba vem...

a qual me cantaram em Anha, concelho de Viana do Castelo. Como variante das duas cantigas se pode considerar de certo modo a seguinte, que colhi no concelho de Melgaço, onde é muito conhecida:

Estes rapazes d'agora
São poucos, nem barba têm:
Já deram dez réis ao cuco
A ver se a barba le vem...

(*le* por «lhes»). Com ela se relacionam as frases que vou mencionar, ouvidas por mim no mesmo concelho de Melgaço, e que lhe servem de explicação. De um rapaz que ainda não tem barba caçoava-se assim: «ha-de-se fazer uma encomenda ao cuco, para te trazer a barba para o ano»; e de um que, a pesar de estar nas mesmas condições, já namora: «tens de dar dez réis ao cuco, para te trazer a barba para o ano que vem». Ao aparecer na cara a primeira pe-

luge (vid. ob. cit. cap. I)⁽¹⁾, diz-se ao respectivo rapaz: já tens os pelos do cuco: é que já lhe deste os 10 réis! Se a barba só nasce no mento, e não no resto da cara, o pobre rapaz deve dizer-lhe: «tu não encomendaste a barba ao cuco, mas á poupa!», onde *poupa* (ave) é simples trocadilho com o verbo *poupar* (barba poupana, isto é: rara, ou incompleta). Segundo a crença popular, o cuco dá pois a barba, e torna-se necessário pedir-lha.

Porque é que o cuco (*Cuculus canorus* de Linn.) dá barba ao homem? A razão, quanto a mim, está em ser o cuco ave da Primavera, anunciadora dela. Um provérbio nosso diz: *se o cuco não vem entre Março e Abril, ou o cuco é morto, ou não quer vir*. Variante da segunda parte: *ou o fim (do mundo) está para vir*. O não vir naquele prazo o cuco, isto é, no começo da Primavera equivaleria a interromper-se as leis da Natureza. É bem sabido que o cuco emigra no tempo frio para climas quentes, e volta á sua terra quando o tempo melhora. Já na antiguidade clássica se celebrava o carácter primaveril da ave. Ela acompanha as festas do consórcio de Zeus e Hera, ou do Céu e da Terra⁽²⁾. Na Primavera vicejam as plantas, e ornamenta-se de flores toda a Natureza. A barba do homem é comparável a rebento vegetal: e pois que os verdores da primavera os anuncia ou acompanha a vinda do cuco, isto foi considerado causador deles (*post hoc, ergo propter hoc*), e *ipso facto* do rebento da barba, esta aparente vegetação do rosto humano⁽³⁾.

J. Lello de Vasconcelos

(1) A barba ainda muito tenra chama-se «penugem», em latim «lanugo». Cada povo tirou a metáfora daquilo que lhe pareceu mais mimoso: nós, de « pena » (de ave: isto é, da rama da pena); os Romanos, de « lana » (lá). No Alto Minho, em vez de « penugem » dizem « peluge » (= penugem, de « pelo »), e por graçoso: « pelo de rato ».

(2) Cfr.: A. de Gubernatis, *Mythologie zoolog.*, II, 243 e Otto Keller, «Die antikie Tiesswelt», II (Leipzig 1913), 63-67.

(3) À barba que nasce no mento do homem atribui-se o nome de um fruto («pera»).

=

COLABORAÇÃO:

Pela necessidade de variarmos o mais possível a colaboração da Alma Nova, de molde a tornarmos a sua leitura a todos agradável e proveitosa, somos forçados a deixar para os números seguintes alguns dos artigos já anunciados.

ACTUALIDADES

N O T A S G R Á F I C A S D O M É S

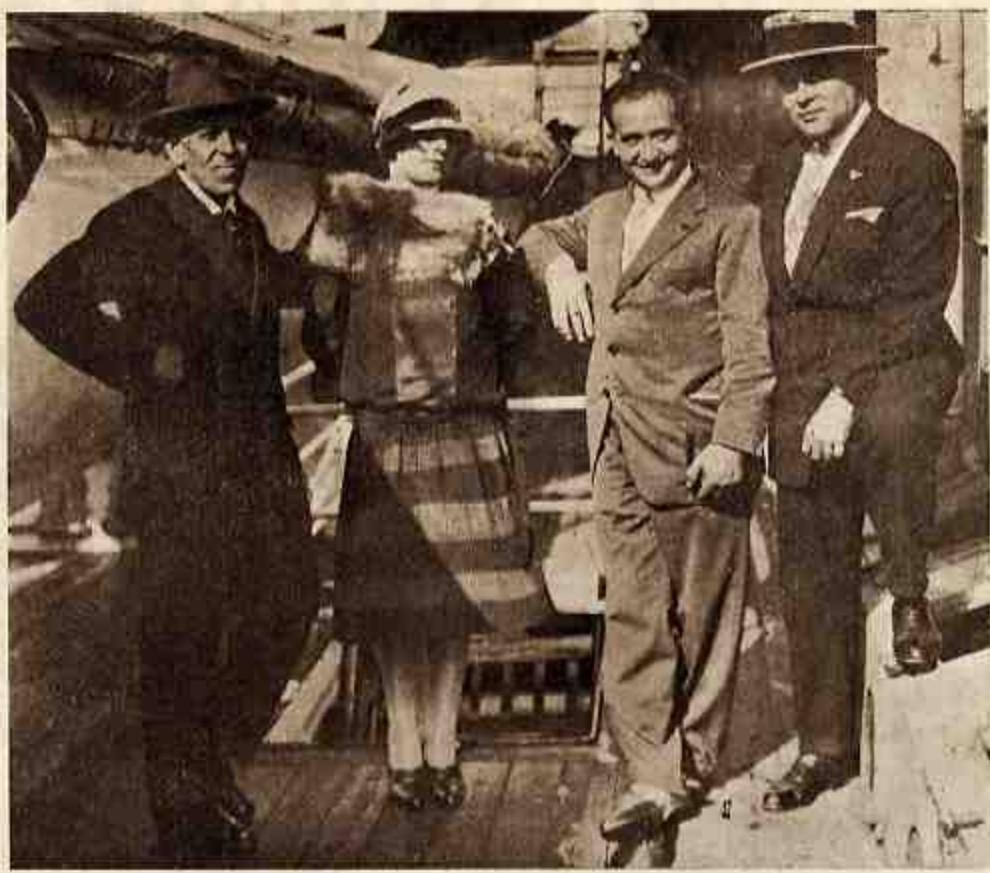
UMA FIGURA LITERÁRIA



JÚLIO MONTEIRO ALLAUD

Quando o estimado livreiro-editor, chefe das livrarias Allaud e Bertrand e um dos fundadores da nossa importante coleção «A Ilustração», cujo falecimento em Paris, a 10 do mês findo, deixou de juto as letras portuguesas.

CONFRATERNIZAÇÃO LUSO-ESPAÑOLA



O grande aviador espanhol Ramón Franco, heróico comandante da «équipe» do «Plano Ultra», que fez a travessia Espanha-Argentina, «posando» para a imprensa, na sua recente visita a Lisboa, entre os nossos ilustres aviadores, o sábio almirante Gago Coutinho e o sr. ten.-coronel Cílio Duarte.

A "Semana do Livro,"



Dr. José de Freitas Basto, diretor-gerente da Livraria Letit Ribeiro, do Rio de Janeiro, a quem se devem os melhores elogios pelo êxito que obteve a «Semana do Livro Português», ultimamente organizada na grande capital sul-americana pelo intelectual livreiro do Porto sr. Fraga Lamas.

• • •
O sr. Américo Fraga Lamas, activo editor português, que muito tem ultimamente trabalhado pelo interessante literário luso-brasileiro e peninsular, vai brevemente realizar em Lisboa a «Semana do Livro Brasileiro», complemento lógico da «Semana do Livro Português» que recentemente realizou no Rio de Janeiro.

• • •



Sr. AMÉRICO FRAGA LAMARAS

ACTUALIDADES LUSO-BRASILEIRAS

■ FIGURAS E FACTOS



O sr. Arcebispo do Rio de Janeiro, que recentemente esteve em Lisboa, com Sua Eminéncia o Cardial Patriarca, na sua visita ao Paço Episcopal.



Dr. RAÚL CARMO E CUNHA

Novo de muito merecimento e de incalculável relevo em assuntos económicos e financeiros, que recentemente foi incumbido de ir ao Brasil render os serviços da Agência Financeira do Rio de Janeiro. A objectiva do nosso correspondente focou o nosso ilustre amigo na sua visita ao Morro da Urca, no Rio. Ao fundo estabelece a monumental silhueta do «Pão de Açucar».



Dr. EGAS MONIZ
BARRETO DE ARAGÃO
(Pethion de Villars)

Eminente poeta, médico distinto e notável figura política do Brasil, falecido em dezembro de 1923, na Itália, e de quem a «Alma Nova» criá dirigindo a publicação de um grosso volume das suas melhores poesias.



O actor brasileiro Procópio Ferreira, que brevemente nos visitará.

A CERIMONIA EXPIATÓRIA DOS COMBATENTES FRANCESES



Os generais sr. Norton de Matos, Abdi Hipólio e Roberto Baptista à frente dos combatentes portugueses,
— caminho do consulado Francês.

EXERCÍCIOS DE ARTILHARIA



Os sr. Ministro da Guerra e General Domingos, Governador Militar de Lisboa, assistindo aos brillantes exercícios de fogo real,
realizados em Ovariz, no mês findo, pelas nossas baterias de Costa.

INSTITUIÇÕES BENEMÉRITAS



A direção da Associação Humanitária «Crus de Malta», comemorando a 26 de Setembro findo o 10.º aniversário daquela prestante instituição, encabeçamento S. Ex.^a o chefe do Estado, que na gravura se vê ao centro, a quem expõe a embaraçosa situação em que a mesma Associação se encontra, para continuar a sua obra benemérita. O sr. General Carmona prometeu recomendar o assunto ao chefe do Governo.

A ASSOCIAÇÃO DOS FRAGATEIROS DO PORTO BRANDÃO



O sr. ministro da Intervenção, Dr. Alfredo de Menezes, na sua visita à Associação dos Fragateiros, no Porto Brandão, apreciou muito a obra patriótica e benemérita daquela instituição operária.

A ACTUALIDADE REGIONAL

Praias do Algarve

Crônica de José Dias Sancha

Meados de Agosto, princípios de Setembro, todo o algarve demanda as suas praias.

O calor, por aqui, não é tropical, como muitos creem, mas faz o suficiente para apetecer a beira-mar refrescada pelas viradas, e os longos banhos na água azul, em treinos de natação.

Por isso, assim que Agosto vai em meio, o algarvio faz as suas malas, mal ou bem arruma as suas ocupações, e toma o automóvel ou o comboio com a ideia fixa de mergulhar no mar.

Monte-Gordo, Manta-Rota, Albufeira, Armação de Pêra, Praia da Rocha, Luz de Lagos... As vezes, o banhista não sabe por onde escolher!

Mas a verdade é que, escolhido o rumo, não pensa noutra coisa senão — em banhar-se e divertir-se!

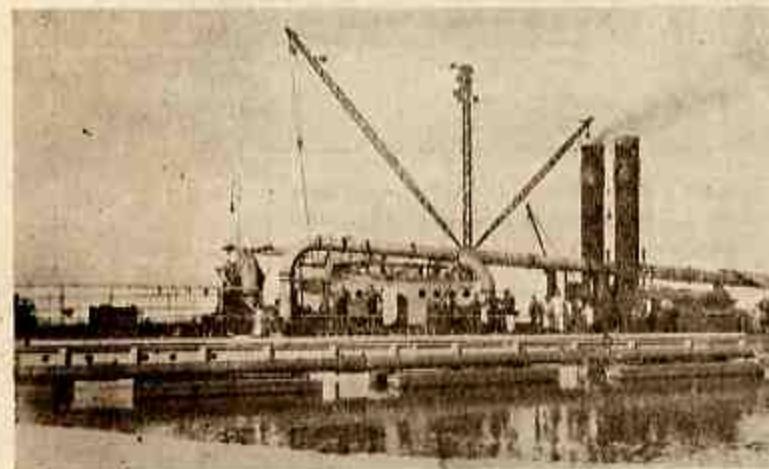
Caem governos? Muito bem! Eu cá estou na praia!

Treme a Terra? E depois? Deixem-me dormir em paz! Há ameaças de uma guerra universal? Puff! Como sabe bem a gente balouçar-se nas ondas!

E o algarvio está na praia, dorme em paz e balouça-se nas ondas, ciente de que cumple os ritos dum religião... Com o "mailot" e o decote a praia não é quase o Paraíso? Sem dúvida! Um Paraíso com muitos pecados originais, e algumas maças dignas de não lhes recusarmos os dentes!



Ribeira da Calheta, na ria de Faro, junho ao poniente onde vai ser aberto o porto comum de Faro-Olhão.



A draga que se encontra actualmente em serviço na abertura do porto comum Faro-Olhão.

nhos moiros, com olhos de carvão, as praias das areias e das rochas douradas, as praias queridas do Atlântico!

Fazes bem, algarvio! Quando chegam os calores do verão, fazes bem em arrumar como podes o teu trabalho, e em correr sofregamente para a tua costa linda, que o oceano banha, enlaça e une num grande abraço!

Além, o que é uma praia? É lugar um onde elegantemente a gente se despede!

Parece até que a civilização das praias está na razão directa do pouco vestuar o...

Dize-me como andas nô, e dir-te-lhei a praia que frequentas!

Monte-Gordo, Manta-Rota, Albufeira, Armação de Pêra, Praia da Rocha, Luz de Lagos!

E todo um formilhar de linhas esculturais por essas franjas de espuma da costa!

As onze horas da manhã, Neptuno acorre sempre em sobresalto julgando ouvir risos de Naiades!

Hora do banho, hora religiosa, hora gloriosa!

Quando o friso das raparigas se despreza pela areia, entregando os lenços coloridos aos banheiros, afé parece que a luz do sol sabe mais a ciro e que a pupila do mar mais se tinge de azul!

Entram na agua docemente, e logo os rapazes, — os tritões —, se precipitam nas ondas, alardeando alegria e alardeando vigor.

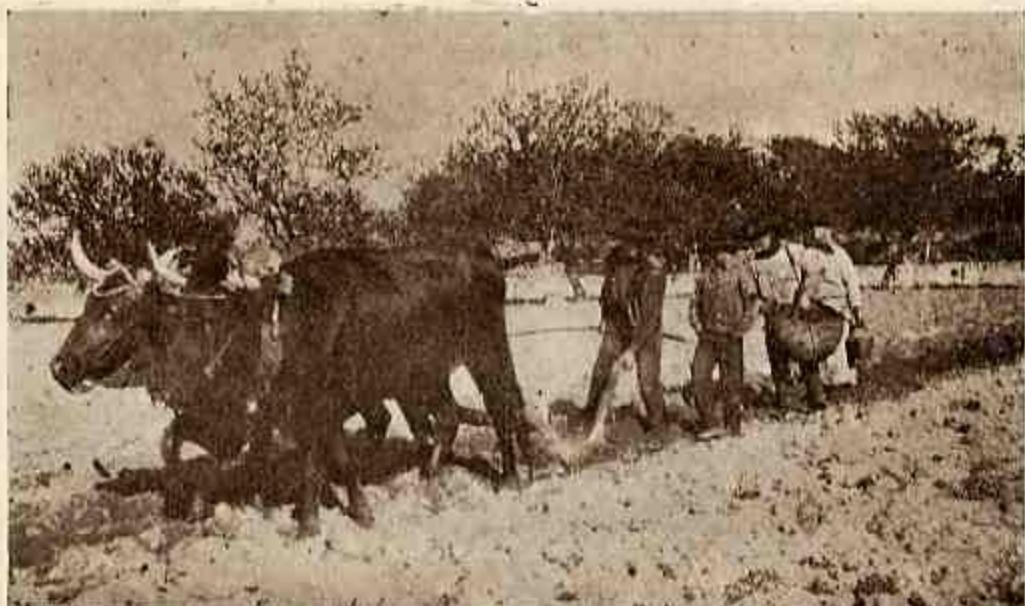
As praias do Algarve! As praias dos rostos

A ACTUALIDADE ■ INFANTIL ■



O menino Gustavo Esteves d'Assunção, interessante filhinho do nosso camarada de "A Garota", sr. Domingos d'Assunção, que há dias festejou o seu primeiro aniversário.

Costumes, Tipos e Paisagens
NO ALGARVE



Vida rural : As sementeiros



ALVOCO DA SERRA.—Trecho da Aldeia: Uma rua.

(Fot. do Exmo Sr. Dr. L. W. Carriso)

■ ■ ■
NA SERRA
DA ESTRELA



ALVOCO DA SERRA :—Uma casa.

O TEATRO

AS ESTRELAS DA TEMPORADA QUE VAI COMEÇAR



Segundo o crítico teatral do «Diário de Notícias», embora ainda não estejam definitivamente organizadas algumas das empresas que têm de expor o teatro na próxima época, as artistas de drama, comédia, ópera e revista que trabalharam como «estrelas» nos diversos teatros de Lisboa e Porto, devem ser as de que damos acima os retratos. São elas, da esquerda para a direita e de cima para baixo: Luisa Salanha, no teatro Avenida; Azenha de Oliveira, no S. Luís; Palmira Bastos, no Gimnásio; Elisa Santos, no Sálio Fox; Desolada de Macedo, no teatro Águia de Ouro, do Porto; Berta de Bivar, no Nacional; Horiense Luz, no Maria Vitória; Lucília Simões, no Trindade; Elisa Carreira, no Eden; Filomena Lúcia, no Apolo; Raquel Barros, no Variedades, do Parque Mayer; Cremilda de Oliveira, como empresária, no teatro Carlos Alberto, do Porto, e Adelina Fernandes, no Politeama.

Crónica Literária

■ de Rebelo de Bettencourt ■

No Declínio (*Romance contemporâneo*) pelo Visconde de Taunay — 3.^a edição. — Editora, Comp., Melhoramentos de São Paulo.

A literatura brasileira não é bem conhecida em Portugal. É uma injustiça de que nos devemos penitenciar, é uma ignorância que é necessário corrigir. Porque além da literatura das terras de Santa Cruz possuir grandes nomes como poetas, prosadores e filósofos, ela tem, por via do sangue português, grandes pontos de contacto com a nossa, e manifesta num ou outro espírito, numa ou outra época, influências maiores ou menores do nosso passado domínio político. São duas literaturas irmãs, a brasileira e a nossa, embora com características diferentes, que importa conhecer. Apenas alguns nomes nos são familiares, como Coelho Neto, o água-fortista do *Sertão* e o novelista excelsa de *A Conquista*; João do Rio, que tão amigo foi de Portugal e dos Portugueses; Casimiro d'Abreu, o melancólico poeta das *Primaveras* que tem sido sempre tão armado e compreendido pelas almas românticas do nosso doce país, e ainda outros como Garcia Redondo, o humorista notável da *Salada de frutas* e da *Cara Alegre*, Sylvio Romero, historiador da Literatura Brasileira, pensadôr e etnólogo, Almachio Diniz, Vicente de Carvalho, e poucos mais que a acreditada livraria Chardron de Lelo e Irmão vem editando há longos anos.

Teve também entre nós uma grande corte de admiradores a obra extraordinária de Olavo Bilac, poeta e artista que nos assombra pela rima milionária e elegante arquitectura dos seus versos em que arde perenemente a chama vermelha do seu lirismo sensual.

Desconhecemos outras individualidades que pela sua arte original e pelo seu temperamento imprimem à literatura brasileira uma nova feição e um carácter autônomo.

Machado de Assis, o admirável prosadôr do *Braz Cubas*; José de Alencar, o contista da *Luciola*; Barreto Lima, que escreveu as *Recordações do escrivão Isaías Caminha*; Aluizio de Azevedo, o realista ilustre de romances como *O Cortiço* e *O Coruja*; Tobias Barreto, filósofo; Joaquim Nabuco e outros, são quase totalmente desconhecidos entre nós. Os novos, como Olegario Mariano, o poeta d'As Cigarras; Ronald de Carvalho, artista do verso, e Oliveira Viana, interessante temperamento de historiador e filósofo, apenas um ou outro curioso os conhecem. Vale a pena conhecer a literatura brasileira, e

tanto vale que a Faculdade de Letras de Lisboa criou uma cadeira de Estudos Brasileiros e entregou-a ao grande escritor dr. Manoel de Sousa Pinto. As lições deste professor deveriam ser publicadas, pois teem sido notáveis. A sua publicação alargaria muito o número dos conhecedores da literatura do Brasil.

Todas estas minhas palavras veem a propósito dum livro do Visconde de Taunay: — *No declínio*. Desconhecia este autor e por isso fui com curiosidade que percorri as suas 156 páginas, em que vivem algumas figuras bem delineadas. O Visconde de Taunay, que nasceu no Rio de Janeiro em 1743 e veiu a falecer em princípios de 1899, é dos escritores da sua época o que mais perto se encontra da corrente realista. Os seus descriptivos não são longos — e os seus personagens não só vivem da pintura do meio, mas também e principalmente dos seus diálogos, em que se nota uma preocupação de naturalidade.

O notável crítico José Veríssimo, ao noticiar o aparecimento deste romance, diz que lhe encontra algumas desigualdades, embora o assunto não seja banal e o final do romance tenha sido tratado com distinção e vigor.

Concordamos em que o assunto não é banal e que algumas figuras teem um bom desenho, como a de D. Lucinda Mendes Soares, a protagonista do romance, e as de D. Helena Glerk e seu sobrinho Eduardo. Concordamos com tudo isso, menos com o remate, que não achamos tratado com distinção e vigor. O final é psicologicamente falso. Quero crer que se o seu autor vivesse ainda hoje, o modificaria por completo. Vejamos porquê. D. Lucinda, viúva de «um tal Ramos Soares, rapaz rico, fundamentalmente insignificante, nem peixe nem carne», vem um dia a apaixonar-se, aos 44 anos, por Eduardo Glerk, mancebo de rara distinção e inteligência, por quem algumas mulheres já tinham praticado algumas loucuras. D. Lucinda, apesar da sua idade, era ainda bela, dessa beleza que parece eternamente moça. Ama e sabe que é amada. Como se sente bastante mulher — ela que tem vivido casta, na tranquilidade retirada da sua casa, tenta fugir à tentação do amor. Em vão. E um dia, as palavras apaixonadas de Eduardo perturbam-na tanto que, ao voltar a si, reconhece que já não se pertencia, mas a Eduardo Glerk... Entreolham-se os dois como dois criminosos, e Eduardo, atônito, indignado de si mesmo pede perdão...

Perdão de quê? Não eram os dois livres?! E mesmo que o não fossem, não é o amor tão ciosamente egoista, que a nada atende? Para o amor,

senhor absoluto das almas e dos corpos, não há preconceitos e obstáculos. O que impedia, pois, os dois de se amarem? A viúvez de Lucinda? Compreende-se que ela fosse fiel à sombra quasi diluída do insignificante marido, enquanto não conheceu o homem que lhe fez acordar o seu coração tranquilo e virgem ainda de amor. Pecado, aquele amor que não fôra santificado pelos laços matrimoniais? Mas o Visconde de Taunay apresenta-nos Lucinda assim, logo na primeira página: *e, de mais a mais, nada devota, propensa sequer à igreja...*

O autor deste romance, se o escrevesse hoje, dar-lhe-ia um outro desfecho, mais natural e mais humano. E se persistisse ainda em separa-los um do outro, por um mútuo arrependimento do doce e humano pecado do amor, esse arrependimento só apareceria muito mais tarde, quando a desilusão de dois temperamentos ou o cansaço de duas almas se fizessem sentir mais dolorosamente...

O ensino Inicial da leitura e da escrita, pelo prof. João da Silva Correia.

Há quem não acredite na nova geração. Bem sei que vivemos numa época de descrença e que a esperança de um melhor futuro scintila em poucas almas apenas. Eu creio na nova geração. Aprendi em Teófilo Braga a acreditar num destino mais alto da nossa nacionalidade, e a voz do caluniado mestre enche-me a alma inteira de uma esperança maior, que me enternece e perturba.

Não faltam afirmações de valor dentro da nova geração. Em todos os campos elas nos aparecem: na poesia, na crítica, na prosa, na música e nas belas artes; afirmações tão altas e formosas como as melhores das gerações passadas. Acreditemos todos na geração nova. É certo que atravessamos há bastante tempo uma longa e funda crise. Mas não somos nós os culpados dela. Já um dos mais interessantes espíritos da geração mais velha, o dr. Henrique Trindade Coelho escrevia, em *A Pátria* de 13 de Dezembro de 1920, estas significativas palavras, que constituem uma dolorosa confissão de derrota de uma geração falhada:

«A mocidade, propriamente, não incumbe qualquer papel político. A mocidade, antes de educar e dirigir, tem que ser educada e dirigida. O contrário dará o que deu a minha geração: a anarquia mental.»

.....
«O papel da mocidade não é fazer análise; é fazer caricatura. Não é discutir-nos: é assobiarnos.»

Para não cairmos também numa anarquia mental semelhante à da geração que nos procedeu, senão mais desordenada e profunda, o que devemos fazer? Nada mais nada menos do que coordenar todos os valores dispersos. É um problema de coordenação o nosso, e não outro. Porque não se procedeu ainda a essa coordenação é que uma grande crise vai abrindo sulcos pro-

fundos na consciência portuguesa. Saibamos, pois, coordenar os nossos valores e os nossos esforços, dando à nossa cultura literária e científica uma finalidade, e a nossa missão será cumprida.

Um dos maiores e mais prestantes nomes da geração nova é o do professor dr. João da Silva Correia, inteligência robusta e vasta, e incansável trabalhador. Os seus trabalhos sobre pedagogia e filologia marcam sempre notavelmente pelo estudo censcencioso, pela clareza da exposição e pelo proveito que deles se tira. A parte de tudo quanto se escreve sobre a língua portuguesa, o dr. João da Silva Correia é por todos os motivos um dos discípulos mais ilustres do sábio e benemérito professor Doutor Leite de Vasconcelos.

O folheto que temos presente — *O ensino inicial da leitura e da escrita* — contém a matéria tratada numa conferência que se realizou na Sociedade de Geografia, em 16 de Junho de 1926, a convite do Núcleo do Professorado Primário Oficial.

Três dos nossos mais conhecidos pedagogos: — Castilho, João de Deus e Borges Grainha, são discutidos com inteligência, sabendo louvar-lhes as qualidades e apontar-lhes com justiça os erros que aparecem nos seus métodos.

Na verdade, o método de João de Deus deveu a sua notoriedade quase unicamente à política. Grande poeta sentimental que soube reflectir na sua alma e nos versos brandos a alma amorosa e singela do povo português — houve nele mais intuição do que cultura, e o seu método, que ainda hoje se alimenta da fama que o poeta excelsa do amor alcançou, tem que ser posto de parte, como inútil, pela falta de preparação psicológica e pedagógica que revela.

A notável conferência do dr. João da Silva Correia devia ser lida e meditada por todos quantos se interessam pela instrução infantil. Vale bem um programa de trabalho. Tente-se a experiência, que não é difícil. Talvez mesmo aproveitando-se o que Castilho e Borges Grainha tem de bom e seguindo-se o conselho sábio do Doutor Ovídio Deroly, se consiga obra não desvirtuada de utilidade. O problema da instrução em Portugal tem que ser estudado e resolvido. Sem a resolução desse problema, o nosso ressurgimento não será possível. E todos nós, que amamos e sofremos por saber amar a nossa terra, desejamos que Portugal se europeize de novo, que de novo ele venha a ser o vasto império. E como tudo entre nós tem de ser recomeçado e pelo princípio, principiemos pela instrução infantil. Nas páginas da notável conferência do dr. João da Silva Correia ficou delineado a traços largos e precisos um excelente programa. Que saibam compreendê-lo e servi-lo todos quantos pela instrução da criança se interessam.

Rebaldo de Bettencourt

■

N. R. — Nesta secção far-se-á sempre referência a todas as obras de que nos sejam remetidos dois exemplares — um para a redução e outro para o crítico.

AS NOSSAS COLONIAS

■ ANGOLA ■

Um dos nossos redactores-sucedários — o dr. Francisco de Ascensão Mendonça —, culto e dedicado Assistente da Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que partiu recentemente para Angola em missão científica, dirigida e organizada pelo ilustre Director do Jardim Botânico da referida Universidade, sr. dr. Luís W. Carrisso, acabou de remeter-nos dali as suas prometidas impressões sobre a nossa maior e mais importante colónia africana.

Para o alto critério científico e imparcialidade descriptiva dessas impressões, chamamos a atenção dos leitores da «Alma Nova».

S. Paulo de Loanda, 24 de Junho de 1927.

Meu querido Mateus:

Estimo a tua boa saúde. Fizemos uma óptima viagem. Desembarcamos em Loanda no dia 16 à noite. Temos feito pequenos passeios nos arredores da cidade. Ainda não tomamos verdadeiro contacto com a natureza. Do que temos visto não te posso dar impressões que interessem.

A região do litoral é uma região sem chuvas, onde as culturas são muito precárias. O que desanima é a falta de uma boa técnica de culturas. Cultiva-se nesta região principalmente a mandioica, algum milho e sorgo. As variedades cultivadas são misérrimas e os métodos de cultura são absolutamente primitivos e selvagens. O Dry-farming e a seleção de sementes daria resultados surpreendentes.

Parto amanhã de manhã para a Lunda, para a sua capital, Saurimo, a cerca de 1.200 qm. da costa. Demoraremos 8 dias em Dala-Tando, 3 em Matzige, etc. Do que achar notável te darei notícia.

A nossa ida para a Lunda foi-nos imposta, por ser absolutamente desconhecida.

Francisco,

Saurimo, 17 de Julho de 1927.

Meu querido Mateus:

Escrevo-te da capital da Lunda, a mais de 1.000 qm. para o interior. Para aqui chegar percorremos mais de 2.000 qm. de automóvel e cerca de 400 qm. de comboio. Claro que estes 2.000 qm. resultam das digressões, ora para a direita ora para a esquerda da estrada que directamente liga Loanda a Saurimo. Os zig-zags fizemo-lo com o fim de observarmos o que de mais interessante se encontra entre o litoral e estas longínquas paragens do interior.

Esquematicamente, vou tentar dar-te um esboço do que observei.

Não te falarei de Loanda, que nos deixou uma impressão desagradável. Loanda é a manga de alpaca, a quitanda e o botequim. E é Loanda a capital deste grande e formidavelmente rico país!

Ao longo da costa estende-se a planície se-

mi-desértica onde rareiam as chuvas, onde a vegetação xerófita é dominada pelo monstruoso ibondeiro. Aqui e a acolá o indígena estabelece a sua lava de mandioica, a preciosa planta que sabe extrair do solo ressequido os mais fagazes vestígios da humidade e armazena nas suas raízes o finíssimo amido, que a indústria selvagem aproveita sob a forma dum farinha grossa — a fuba.

Ainda nesta zona, aqui e acolá, se cultiva o milho e o sorgo. Mas que culturas, anto Deus! A prática agrícola é selvagem; a semente é lançada à terra sem que esta tenha sofrido a preparação necessária, e depois é abandonada à ação da natureza sem mais cuidados que os da colheita do misérissimo fruto. Nada ha feito sobre a seleção de sementes e aperfeiçoamento de cultura. A prática do Dry-farming é, como já disse, desconhecida. E ela seria grandemente proveitosa, mesmo numa fase rudimentar.

Este aspecto semi-desértico do litoral é modificado pela presença dos rios, que transportam até ao oceano todo o seu caudal, — o Bengo e o Cuanza.

O Bengo, numa extensão de cerca de 80 qm. para montante da foz, corre num vale de aluvões fértilssimos, de cerca de 10 qm. de largura, em média. Estes magníficos terrenos são propriedade de uma companhia que os conserva no mais criminoso abandono, explorando quase exclusivamente o capim, que como forragem envia para Loanda na importância média de 18.000\$00 mensais. E, contudo, esta vastíssima extensão, de um solo incrível, é a pátria de eleição da palmeira do den-den (*Elaeis guineensis* L.), que fornece o ólio de palma e o coconote. É uma formidável riqueza por explorar.

A cerca de 80 qm. de Loanda, para o interior, entre o Bengo e o grande rio Cuanza, encontra-se uma região algodoeira. Catete é o centro desta região. Para o norte de Catete, nas margens de uma grande lagôa tributária do Bengo, tem o estado uma estação de cultura de algodão. Não a dirige um técnico algodoeiro, como seria natural, mas um funcionário que se colocou ali, certamente por conveniência urgente de serviço... Na mesma região, para o sul, encontra-se, nas

margens do Cuanza, a cultura do algodão de uma companhia do Porto, cultura que é dirigida por um autêntico técnico algodoeiro, o nosso patrício Manoel Guerreiro Beatriz. Tive muita pena de o não poder visitar e ver as culturas que dirige

No dia 25 de Junho saímos de Loanda no comboio de Malange. A cerca de 100 km. da costa começam-se a subir os primeiros degraus da serra. Muda o cenário. A vegetação enriquece-se de espécies e dimensões. Em breve o comboio atravessa florestas dum magestade deslumbrante.

E' aquí a pátria do café, ou melhor, começa aqui. Até Dala-Tando, capital do distrito de Cuanza-Norte, aonde nos dirigimos, a nossa admiração vai sempre crescendo. Que maravilha! — perigosa maravilha para quem a quiser prescrever... O mosquito — a grande fera —, a mósca do sono, cobras de veneno fatal, tudo alberga esta feracíssima região.

Dala-Tando é a capital de uma região quase do tamanho de Portugal. E' uma capital nova, com 4 ou 5 anos, com o seu palácio do governo — uma casa de linhas sóbrias, confortável e higiénica —, mais duas ou três casas confortavelmente habitáveis, depois mais uns barracões co-

bertos de ferro zinçado — as casas do comércio, deste comércio que nos causa enjôo só de o ver, mesmo a distância.

No entretanto, Dala-Tando é uma capital de brilhante futuro. O Governador deste distrito é um algarvio, activo, pouco palrador, respeitado e acatado por todos os seus subordinados, — é, e n' síntese, a autoridade. E' natural de Lagos, mas, pelo que lhe ouvi, ama mais a África do que a sua terra.

O capitão Vieira Fernandes, que é este o seu nome, tratou-nos gentilmente e proporcionou-nos algumas visitas aos pontos mais interessantes dos seus Domínios.

Uma dessas visitas foi à Companhia do Cazengo, á fazenda Protótipo, que na verdade é um protótipo de primitivismo! Como tudo isto desconsola! Uma Companhia que dizem próspera, senhora de extensões riquíssimas, enormes, explorando por processos primitivos apenas uma insignificante parte do seu território — terrenos de café!... Disseram-me que os dirigentes desta companhia são briosos oficiais da nossa marinha de guerra, chefiados, se não estou em erro, por Ernesto de Vasconcelos.

(Continua no próximo número)

■ De todo o País ■

A «Alma Nova», desejando imprimir o máximo desenvolvimento aos seus planos de ação regionalista, base para o estudo dos principais problemas do ressurgimento nacional, além de fazer visitar, pelos seus enviados especiais, os pontos mais importantes e característicos do País e das Colónias, vai também nomear desde já representantes seu em todas as localidades do continente e possessões onde ainda os não tenha, mantendo sempre, d'oravante, esta secção. Com a respectiva documentação gráfica nas páginas de actualidades, fixará mensalmente todos os acontecimentos locais que interessem ao desenvolvimento e valorização pátrias.

E é assim que, na efectivação deste patriótico plano, tendo partido recentemente para Angola, em missão de estudo, um dos nossos redactores-secretários, foi o mesmo incumbido de remeter-nos dalli as suas impressões sobre o estado actual da nossa mais importante colónia africana, bem como os possíveis documentos gráficos; igual incumbência tendo recebido outro nosso redactor — o dr. M. Gomes dos Santos — que à Madeira e Açores foi, em nome da Associação dos Alunos da Escola Superior Colonial, estudar a obra de Colonização portuguesa nos mesmos arquipélagos.

A obra de estudo e propaganda nacional que pertendemos assim realizar, é, inegavelmente, útil ao País. Confiamos, por isso, no concurso das figuras de representação e dos elementos sinceros de todas as nossas províncias, ilhas e possessões ultramarinas.

A maneira galhardamente afectuosa como o Dr. Gomes dos Santos foi recebido nos Açores e as gentilissimas expressões que a imprensa local nos dirigiu, são-nos já animadoras provas da nítida compreensão dos nossos patrióticos fins, por parte dos habitantes das gloriosas Ilhas Atlânticas. Sem tempo nem espaço para mais, limitamo-nos hoje a transcrever as palavras que, apesar do seu regresso nos enviou o nosso querido redactor:

«Meu caro Mateus Moreno: ... agradeço-lhe, desvanecidamente, a credencial da «Alma Nova» para me apresentar nos Açores.

Fiz uma explendida viagem, de cerca de um mês, visitando quasi todas as ilhas do misterioso arquipélago açoriano. Colhi todos os elementos de estudo que me foi possível e travei relações amistosas com pessoas de alta mentalidade. Infelizmente, a passagem por cada ilha foi bastante rápida, indo de algumas horas a um, dois e três dias, o máximo. Portanto, foi uma visita quasi vertiginosa, que, apesar disso, me serviu para colher as melhores impressões acerca da boa gente açoriana e das belezas panorâmicas e riquezas do solo.

Realisarei uma conferência mais ou menos subordinada ao tema: «Visão patriótica dos Açores. — A marinha de guerra e a aproximação moral entre Portugal continental e insular.

Trago fotografias óptimas, sobretudo do Faial, e preciso de me referir à reconstrução da cidade da Horta, imensamente prejudicada pelo terremoto, (a) — Gomes dos Santos, *



ATELIER DE ARTE FOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO LDA

RUA DO CARMO, 55-1.^a

(AO CHIADO)

L I S B O A

■ ■ ■

GRAN PRIX
NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
DO RIO DE JANEIRO DE 1923

TRAS-OS-MONTES

VILA REAL

43, P. RIO DE JANEIRO, 43

■ FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

■ Encarregue-se da edição de vistas
de qualquer localidade do país

■ PEDIR ORÇAMENTOS

EMÍLIO SALGUEIRO

ADVOGADO

RUA AUGUSTA, 188-3.^a E.L I S B O A
(TELEFONE C. 1954)

L i v r o s à v e n d a n a
COOPERATIVA EDITORA E TIPOGRÁFICA
■ ■ ■ R E S S U R G I M E N T O ■ ■ ■

COLECÇÃO DA GRANDE GUERRA

Ten. Mateus Moreno:

SANGUE D'EPOPEIA — A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES. (Autorizada a aquisição às unidades, pela O. E. n.^o 3 (1.^a série) de 1923.) Vol. de 160 páginas, ilustrado 5\$00
DA GUERRA E DA PAZ. 3.^a edição il. 2\$00

Cap. José Brandão:

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA (Notas subsidiárias para uma). 5\$00
POESIA

Mateus Moreno:

MINHA PÁTRIA (Poema em 3 livros e 3 jornadas). Ed. il. 96 pags. broch. 3\$00. Cada livro 1\$00

Luís Calado Nunes:

ODES DE ANACREONTE. Vol. broch. 2\$50

Rebelo de Bettencourt:

CANTIGAS, (com retrato do A.). 64 pag. 2\$50

Poetas do Algarve:

MUSA ALGARVIA, lindo vol. ilustr. 7\$50

ESTUDOS E CRÓNICAS

Oldemiro César e Cruz Magalhães:

CAMPANHAS CAMILIANAS, 1 vol. il. 5\$00

D. Conceição d'Eça de Melo:

EÇA DE QUEIROZ REVELADO. Fol. II. 2\$50
ROMANCES E NOVELAS

Eunice Franco:

O LOUCO AMOR, novela passional, trad. ARTE 3\$50

J. Saavedra Machado:

O DESENHO E A MULHER NO LABOR ARTÍSTICO DE RAFAEL BORDALO (edição de luxo em fascículos, a sair).

OBRAS VÁRIAS EM DEPÓSITO:

Do dr. João da Silva Correia:

O doutor Adolfo Coelho - Pedagogo 5\$00

O papel das Escolas Normais Superiores na reorganização da sociedade portuguesa (discurso) 4\$00

A condução pedagógica da lição no ensino liceal (tese de exame de estado) 3\$00

Projecto de um programa de língua Materna para a Escola Primária Geral 2\$50

O problema do simbolismo fonético 3\$50

A difícil função do Professor em Portugal 3\$50

A interpretação verbal de sons e ruídos naturais 4\$00

A linguagem da mulher em relação à do homem 7\$50

Enviamos estas obras franco-porte a quem nos remeter a importância.
Os assinantes da "Alma Nova" e de "A Garota" têm 20% de desconto.

Cooperativa Editora e Tipográfica “RESSURGIMENTO”

PALÁCIO MURÇA — TRAVESSA DE ANDRÉ VALENTE, 7-1.^o E.

— L I S B O A —

E X E C U T A M - S E

T R A B A L H O S T I P O G R Á F I C O S
E M T O D O S O S G É N E R O S

20 A 30^o I., MAIS BARATOS QUE NOUTRA QUALQUER PARTE

B A S T A P A R A I S S O
I N S C R E V E R - S E C O M
U M A O U M A I S A C C Õ E S
D E V I N T E E S C U D O S
• N A C O O P E R A T I V A
E D I T O R A E T I P O G R Á F I C A
“ R E S S U R G I M E N T O ”

Cada subscriptor deve obter o maior número possível de novos accionistas, no seu próprio interesse e no da Cooperativa.

Cada proponente tem direito a um *bonus* de 3^o I., sobre as acções liberadas.

Só tem direito a elegibilidade para os cargos sociais da Cooperativa, os accionistas que capitalizarem para cima de 50 acções.

Enquanto a Cooperativa estiver em *organização*, todo o capital fica integralmente garantido, com o juro do Banco de Portugal.

Pedir boletins de inscrição e mais indicações à

TRAV. DE ANDRÉ VALENTE, 7-1.^o E. ou C. DE JOÃO DO RIO, 8-1.^o LISBOA

LEIA

a gareta

A MELHOR PUBLICAÇÃO MENSAL DE ARTE E RECREIO

Redacção: T. André Valente, 7-1.^o — Lisboa

Número avulso: 1850. Sem.: 8800. Ano: 15\$00.